

**BIBLIOTECA**  
**ou Casa da Livraria**  
**do**  
**PALÁCIO NACIONAL DE MAFRA**



**Manuel J. Gandra©**



O salão da *Casa da Livraria* do Palácio Nacional de Mafra, a mais vasta dependência da *Real Obra*, “geralmente reconhecida pela melhor da Europa” consoante o parecer de Frei João de Santa Ana, primitivamente destinada a albergar a *Sala do Trono*, jamais concretizada, em consequência da prolongada doença que afligiu D. João V e o afastou de Mafra, mede 88,88 m (404 palmos) no sentido Norte-Sul, 24,20 m (110 palmos) no sentido nascente-poente e 9,46 m (43 palmos) de largura; a sua abóbada eleva-se à altura de 10,78 m (49 palmos), excepto no cruzeiro, onde atinge 13,20 m (60 palmos).

Mas quem melhor que Frei João de Santa Ana poderá ser o nosso cicerone? A ele é devida a mais minuciosa descrição ao dispor da Livraria de Mafra <sup>1</sup>. Cedo-lhe a palavra:

“Esta magnífica e majestosa Casa, que faz admiração de todos os que nela entram e é geralmente reconhecido pela melhor da Europa; acha-se designada na Planta pelo n.º 124 e o cruzeiro ou melhor Laranja, que forma no meio, pelo n.º 125. Estende-se de Norte para Sul: entra-se do Palácio para ela pelos dois grandes portais que estão em cada topo; tem de comprimento de um até outro topo 384 palmos <sup>2</sup>; porem como as paredes dos topos são muito grossas, os portais são muito largos, e os vãos destes são como uma continuação da casa por isso contando desde as portas de um topo até às do outro, tem de comprimento 404 palmos. Tem de largo 43 e de alto 49 porém no meio da casa, sobre que está formado um majestoso Zimbório há de altura 60 palmos. O cruzeiro tem de comprimento 95 palmos e de largo 43. Porém, como no fundo do Cruzeiro há de cada parte três grandes janelas com varandas sacadas fora, e parapeitos de balaústres, que fazem o fundo, se contarmos de uns até aos outros balaústres, tem o Cruzeiro de comprimento 110 palmos. A Cimalha emoldurada, grande, e muito sacada fora, está elevada do pavimento 30 palmos, e toda a casa é circundada de soco de pedra azul de dois palmos de alto, porem, este só aparece nos vãos dos portais e janelas, e onde não há estantes.

Todo o tecto é de abóbada apainelada, que forma grandes molduras sacadas fora, que circunda painéis também sacados fora, ora quadrados, ora quadrilongos, ora octângulos, e de muito lavor e entre eles e as molduras passam frisos de diversas figuras, que não são relevados. Nos topos e fundos do Cruzeiro principia a abóbada a elevar-se, formando painéis do mesmo

---

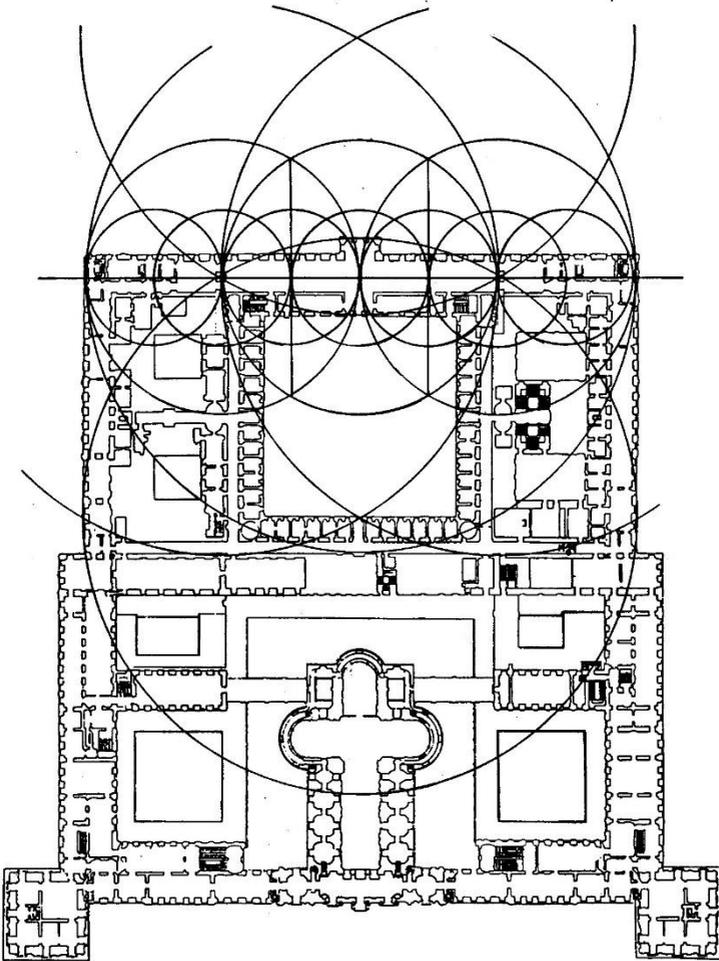
<sup>1</sup> Um palmo equivale a 22 centímetros.

<sup>2</sup> Frei João de Santa Ana, *Real Edificio visto por fora e por dentro*.

modo, mais pequenos à proporção que ela se eleva. Entretanto dos cantos sobem largos arcos, e com semelhantes painéis, os quais à proporção que sobem se inclinam um para outro até se unirem junto a uma pedra semicircular de muito lavor, que forma um grande florão da mesma no mais alto do tecto. Este florão de pedra só está próximo a cada um dos topos da Casa mas não o há nos fundos do Cruzeiro. Sobre os quatro ângulos do Cruzeiro estão formações quatro semelhantes arcos, que se elevam de uns para outros ângulos e entre estes e a Cimalha do Zimbório, se formam em cada ângulo sobre a Cimalha da casa um grande painel triangular: cercado de grandes molduras, dentro dele outros painéis mais pequenos da mesma figura, e no meio um painel concavo circundado de delicadas molduras. Todas as molduras do tecto estão em linha recta umas com as outras, e do mesmo modo os painéis e frisos, e tudo isto faz uma linda perspectiva, porque além disto estão tão brancos como se fossem feitos de poucos dias. A Cimalha, onde principia a formar-se o Zimbório, é muito sacado fora, e forma um círculo que tem 43 palmos de diâmetro. No fecho do Zimbório, em cada campo de pedra azul está uma grande figura do Sol cercado de raios, que saem dele, e tudo isto é sacado fora, e de uma só pedra branca ao redor da qual está uma redonda moldura de muito lavor, que forma um festão de flores sacadas fora, e que unidas umas às outras fazem um círculo à roda dos raios do Sul. Todo o mais tecto dele é como uma continuação dos mesmos raios, que se vão dilatando à proporção que se apartam do Centro.

O pavimento por baixo do Zimbório é um Xadrez de mármore, brancos, encarnados, amarelos, azuis, e pretos, que corresponde ao lavor de todo o tecto com os mesmos círculos; raios, etc., e o pavimento de toda a mais a casa é um riquíssimo Xadrez das mesmas qualidades de pedra, mas não as tem pretas nem amarelas. Na frontaria do Nascente tem 19 janelas de parapeito, que têm de alto cada uma com o vão 18 palmos e meio, e de largo 8, cada uma com 32 vidros. Destas as três que estão no fundo do Cruzeiro, e duas que estão nos lados têm varandas sacadas fora com parapeitos de balaústres, e às três do fundo correspondem outras três no fundo da parte do Poente. As do meio em ambos os fundos do Cruzeiro formam arcos e cada uma tem 24 palmos de alto e de largo 9 com três ordens de portas e 48 vidros. Todas as outras têm duas ordens de portas como os de todo este andar.

Sobre a Cimalha e perpendiculares às ditas janelas há do lado do Nascente outras 19 janelas quadradas que tem de alto seis palmos e meio, com 30 vidros cada uma, e na frente ornada de ombreiras de cantaria, cujo fecho forma um arco pouco mais elevado. De frente delas estão outras fingidos no Corpo da Livraria, porém as três do Cruzeiro, que deitam para o Jardim não são fingidas. Em cada um dos topos estão duas perpendiculares aos portais da entrada e junto ao fundo do Cruzeiro da parede do Norte, e perpendiculares aos dois portais das casas contíguas, e todas estas seis janelas têm vidros de espelho.



**Traçados reguladores geradores do salão da BPNM**



Da parte do Poente tem dois portais designados pelo n. 126 pelos quais do Convento se entra para ela pelas duas escadas, que vem do andar térreo, dão entrada para todos os andares e ultimamente para a Livraria. Aí acabam, porém, mudando de figura continuam a subir para os andares superiores, e são diversas escadas. As que sobem para os andares superiores estão indicadas pelo n. 127. O n. 128 indica duas casas onde estão formadas duas majestosas escadas, por onde se sobe para as varandas, e casas superiores da parte de Poente das quais depois se falará. Cada uma das ditas casas tem uma janela, que deita para o Jardim, e de frente tem o portal da entrada com meia porta de vidraça, que comunica luz para a Livraria. O mesmo tem os dois portais fronteiros a estes da parte do Nascente, que deitam para os vãos de duas janelas, dentro dos quais estão duas escadas de pau preto e de caracol, por onde também se sobe para as varandas. Estas duas escadas estão indicadas pelo n. 129. O número 130 indica duas grandes casas que lhe ficam ao lado do Poente, e para as quais se entra por dois portais que estão próximas às janelas do Cruzeiro da parte do Poente. Delas se fará depois especial menção. O número 131 designa um vão com portal que está na grossura da parede de cada topo, e tem dentro um cano para desaguadouro. De frente deles estão outros com portais nas quais se guardam escovas e outras coisas precisas para o asseio da casa.



Toda a Livraria é cercada de estantes até à altura da Cimalha, e de uma soberba e majestosa varanda que passa pelo meio delas. O parapeito, que acompanha a varanda é de balaústres e colonatas, o feitio de cada um dos quais custou 800 reis. A varanda é elevada sobre o pavimento 15 palmos sacada fora 5 e o passeio tem três e meio de largo. As estantes que são de pau, e também a varanda são formadas de pilastras; que divide umas das outras. Os capitéis das pilastras das estantes inferiores servem como de bases às grandes mísulas, sobre que descansa a varanda. As estantes da parte do Nascente estão no espaço, que há entre umas e outras janelas e tem 14 palmos de largo, e o mesmo têm as do poente; e as que neste lado estão de frente das janelas, têm 12 palmos de largo. Por cima da varanda tudo está ocupado de estantes, porque aí não há janelas, senão a grande no fundo do Cruzeiro e correspondem todas às estantes inferiores. Estas são 54 e as superiores são 82. É tal, e tão delicada a obra de talha, que há em todas elas e na varanda, e principalmente nos do Cruzeiro e dos fundos da Casa, que é impossível explicar-se.



Sobre cada uma das estantes está uma riquíssima tarja, dentro de que está o título da matéria, e ciência, de que tratam os Livros de que ela está cheia. Sobre cada uma das Superiores está um corpo grande de figura oval, digo, um painel, que se eleva até ao tecto; destinados para neles se pintarem os heróis mais famosos nas Ciências, e Artes de que tratam os Livros de cada estante; mas não se chegaram a pintar.



No fundo do Cruzeiro, além de outro muito ornato, de cada parte sobre a janela grande, está uma Coroa Real como suspensa, coroando o nome da Rainha a Senhora D. Maria I, que está em cifra entalhado no painel, que fica por baixo da coroa.

O pavimento da casa é obra do Senhor Rei D. José I as estantes foram mandadas fazer pelos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. Cada estante tem um degrau, que se puxa fora para se chegar a todos os livros dela. Cada vão de janela excepto as do Cruzeiro, tem uma mesa coberta com pano verde, uma estante para livro, tinteiro, etc. Tem muitas obras raras e ricas edições. Tem, actualmente, 27 para 28 mil volumes, e pode conter 60 até 70 mil.



Vai-se aumentando com a consignaço [?] de 200.000 anuais, e com todas as obras que saem à luz em Portugal de cujas obras deve ser remetido das Oficinas Tipográficas um exemplar de cada uma para a mesma Livraria, como mandou o Senhor Rei D. João VI, por Alvará de 5 de Dezembro de 1825<sup>3</sup>.

Para as duas casas indicadas pelo n. 130 se entra pelos portais próximos às janelas, que estão no fundo do Cruzeiro, da parte do Poente. Tem cada uma de comprido 71 palmos e meio, e de largo 22 e um quarto e de alto 24. Tem três janelas, que deitam para o *Jardim da Quadra*, e são do mesmo tamanho, que as da Livraria, e as das frontarias, de todo este andar. A do Sul está circundada de estantes para os livros proibidos; a do Norte está ornada com as Plantas do Edifício, com mapas gerais, e particulares, e tudo o que é preciso para o estudo da Geografia, como é a esfera armilar, os globos terrestre e celeste. As Plantas estão ornadas com molduras de pau Santo; e do mesmo são também as que ornam os retratos de S. Majestade o Senhor D. Miguel I o de seu Augusto Pai, e o do Imperador do Brasil, o Senhor D. Pedro I que estão no topo da Casa. No meio de cada uma delas está uma mesa de pau bordo, que tem 14 palmos de comprido, sete de largo, seis grandes gavetas, três de cada lado, em que se guardam vários papéis; folhetos. Sobre estas duas casas há outras duas iguais, para as quais se sobe pelas duas escadas indicadas pelo n. 128 de que vou fazer particular menção.

Ainda que as ditas duas casas pertencem ao andar superior, contudo como nenhuma das Plantas faz menção delas, nem de outras, que estão no nível delas por não terem no Edifício outras no mesmo alinhamento senão nesta frontaria do Nascente o que acontece por ser ela a mais alta do Edifício, e não se fazer Planta só para elas, e como além disto a única serventia que há para as duas sobreditas, é pelas casas n.º 128 julgo próprio fazer menção deles neste lugar. Há, pois, em cada uma destas casas uma majestosa escada, acompanhada de grossas grades de ferro, que seguram os /425/ degraus, que parece estão no ar, porque apenas tocam na parede. Principia no lado da janela e no 3.º patamar está um degrau, a que se segue um portal, por onde se entra para a varanda da Livraria, o qual está perpendicular ao que em baixo dá entrada para a mesma casa da escada. Depois de dar entrada para a varanda continua a mesma escada a subir encostada à parede oposta à do lanço 2.ª e no fim de 11 degraus está um patamar quadrado cercado de grades de ferro, no fundo dela uma janela quadrada de 8 palmos de alto, a qual está perpendicular à debaixo, de frente do portal da varanda, e deste modo ilumina a Livraria pelo portal, e a casa toda, porque a escada não impede a Luz. Por tanto tem a casa duas janelas, uma perpendicular à outra. No dito patamar ao lado da janela está um portal, que dá entrada para a dita casa, que é do mesmo tamanho que a inferior, mas não é tão alta. Cada uma tem três janelas, que estão perpendiculares às das Casas debaixo e estão no mesmo alinhamento

---

<sup>3</sup> Depósito Legal.

que estão as que na Livraria se acham sobre a Cimalha real” [FJSA, fl. 420-425].

Partindo do pressuposto indiscutível que o organizador da BPNM, Frei João de Santa Ana, dominava as regras da *Arte da Memória*, mesmo assim não creio ser possível saber-se com rigor se o sistema de Simónides lhe era familiar, nem tão pouco quais os mnemotécnicos que terá elegido.

As fontes disponíveis na BPNM constituem uma substancial colecção dos melhores mestres da disciplina em apreço <sup>4</sup>, mas não está, igualmente posta de parte a possibilidade de ter sido compulsada bibliografia inexistente no acervo mafrense ou, quiçá, havido colaboração de mnemotécnicos religiosos ou leigos activos em Portugal na época. Ocorre-me como possível inspirador do bibliotecário arrábido o nome do bispo de Évora, Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas, cuja actividade como organizador da biblioteca do Convento de Jesus, segundo cânones idênticos, lhe não era decerto estranha <sup>5</sup>, tal como as suas preocupações relativamente ao *sistema da ciência* (como diria Fichte) concebido por Raimundo Lúlio <sup>6</sup>.

Que a *Arte luliana* tinha cultores também em Maфра é um dado adquirido, rastreável nas *Conclusões de Filosofia* dos Reais Estudos de Maфра <sup>7</sup>. Resta extrair as ilações adequadas dessa circunstância.

Antes, porém, é conveniente sublinhar que a *Arte luliana* é algo mais que um mero artifício dialéctico, ultrapassando em muito qualquer estrita metodologia do pensamento.

---

<sup>4</sup> *A Filosofia Hermética em Portugal e no acervo da Biblioteca do Palácio Nacional de Maфра*, in *Bol. Cultural* '93, Maфра, 1994, p. 58-59.

<sup>5</sup> Planeada em 1768 por Frei Manuel do Cenáculo, em colaboração com o arquitecto Joaquim de Oliveira. Iniciada a 12 de Fevereiro de 1771 e concluída em 1800. Também a Biblioteca dos Paulistas, em Lisboa, se presume posterior a 1763, porquanto Baptista de Castro (*Mapa de Portugal*) referindo-se nesse ano às obras em curso no convento, não a menciona. Cf. Carlos Azevedo, *Some portuguese Libraries*, in *The Connoisseur Year Book* (1956), p. 31-39.

<sup>6</sup> Frei Manuel do Cenáculo é, consabidamente, tido pelo reintrodutor do lulismo em Portugal. Ver nota 35. Para o arrolamento da obra luliana sobre a *Arte da Memória* no acervo da BPNM, ver Manuel J. Gandra, *O Monumento de Maфра de A a Z*, v. 1, Maфра, 2002, p. 219.

<sup>7</sup> Os *Reais Estudos de Maфра* foram criados Dom João V, tendo sido inaugurados com toda a solenidade, a 14 de Fevereiro de 1737, na presença do fundador. Para uma primeira abordagem da questão em apreço, ver do subscritor: *Bibliografia Mafrense: impressos até 1800*, in *Boletim Cultural* '98, Maфра, 1999, p. 800-807.

1	BCD	2	BCE	3	BCF	4	BCG	5	BCH	6	BCI	7	BCK	8	BDE	9	BDF	10	BDG	11	BDH	12	BDI
13	BDK	14	BEF	15	BEG	16	BEH	17	BEI	18	BEK	19	BFG	20	BFH	21	BFI	22	BFK	23	BGH	24	BGI
25	BGK	26	BHI	27	BHK	28	BIK	29	CDE	30	CDF	31	CDG	32	CDH	33	CDI	34	CDK	35	CEF	36	CEG
37	CEH	38	CEI	39	CEK	40	CFG	41	CFH	42	CFI	43	CFK	44	CGH	45	CGI	46	CGK	47	CHI	48	CHK
49	CIK	50	DEF	51	DEG	52	DEH	53	DEI	54	DEK	55	DFG	56	DFH	57	DFI	58	DFK	59	DGH	60	DGI
61	DGK	62	DHI	63	DHK	64	DIK	65	EFG	66	EFH	67	EFI	68	EFK	69	EGH	70	EGI	71	EGK	72	EHI
73	EHK	74	EIK	75	FGH	76	FGI	77	FGK	78	FHI	79	KHK	80	FIK	81	GHI	82	GHK	83	GIK	84	HIK

1	B	C	D	t
2	B	C	t	B
3	B	C	t	C
4	B	C	t	D
5	B	D	t	B
6	B	D	t	C
7	B	D	t	D
8	B	t	B	C
9	B	t	B	D
10	B	t	C	D
11	C	D	t	B
12	C	D	t	C
13	C	D	t	D
14	C	t	B	C
15	C	t	B	D
16	C	t	C	D
17	D	t	B	C
18	D	t	B	D
19	D	t	C	D
20	t	B	C	D

1.

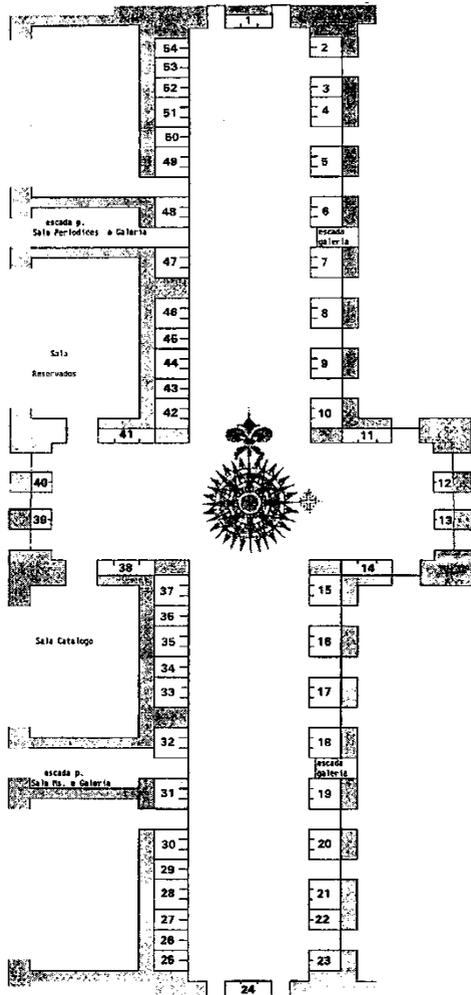
2.

1. Tábua das 84 combinações ternárias da gramática mnemotécnica de Raimundo Lúlio. Cada uma delas é a cabeça de 20 câmaras, perfazendo um total de 1680 câmaras (84 x 20).
2. As 20 câmaras da primeira coluna da Tábua.

Trata-se, na verdade, de um conjunto de estruturas sistêmicas e escalonadas dirigido para o conhecimento, encurtando o percurso e facilitando o exercício intelectual. Suposta uma recta intenção, a *Arte luliana* exige aprendizagem e treino simultâneos, com o intuito de atribuir a cada conceito o lugar e a figura que lhe convêm.

Para alcançar esse desiderato o praticante dispõe de uma tábua de 84 combinações ternárias, cada uma delas cabeça de 20 câmaras, num total de 1680 câmaras (84 x 20), curiosamente, apenas mais quatro que o número total de casas, ou prateleiras (536 + 1140 = 1676) da BPNM!

No que concerne à arrumação das matérias, confrontem-se as duas plantas anexas e suas respectivas legendas para se constatar o jogo das polaridades e a harmonia dos contrários no seio da organicidade geral.



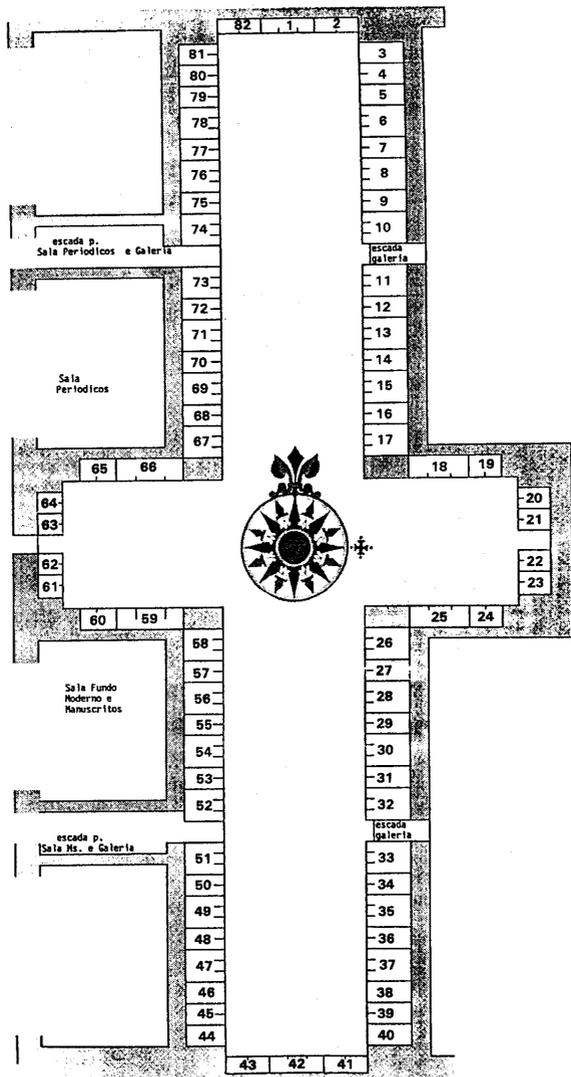
## ESTANTES INFERIORES

Na Ordem inferior a BPNM possui LIV estantes, com I a XII prateleiras cada, perfazendo um total de 536 casas.

As quatro ordens das LIV estantes contam-se de baixo para cima e da direita para a esquerda.

- 1 - Textos e Versões da Escritura Sagrada
- 2 - Filologia Sagrada
- 3 - Intérpretes da Escritura Sagrada
- 4 - Idem
- 5 - Teologia Parenética ou Sermões
- 6 - Concílios, Constituições e Cânones Apostólicos
- 7 - Direito Canónico Universal
- 8 - Idem
- 9 - Direito Canónico Universal e Particular
- 10 - Direito Eclesiástico Regular. Constituições das Ordens Religiosas e dos Bispos de Portugal, etc.
- 11 - Dicionários vários
- 12 - Autores Clássicos e Oradores Gregos e Latinos
- 13 - Idem
- 14 - Poetas Gregos, Latinos e Italianos
- 15 - História Literária e Bibliográfica
- 16 - História Tipográfica, Académica, Memórias da Academia Francesa
- 17 - Poligrafia e Simbologia
- 18 - Medicina, Cirurgia e Farmácia
- 19 - Filosofia
- 20 - Matemáticas e História Natural
- 21 - Direito Natural, Público e Romano
- 22 - Jurisprudência Civil em geral
- 23 - Idem
- 24 - Jurisprudência Universal. Consultas e Decisões de Direito
- 28 - Direito Civil Alemão, Francês, Inglês e Espanhol
- 27 - Vários tratados de Direito Civil
- 26 - Vários tratados de Jurisprudência
- 25 - Conselhos de Direito Civil
- 29 - Direito Civil Lusitano
- 30 - Direito Civil dos Reinos de Itália
- 31 - Teologia Moral
- 32 - Geografia e Viagens
- 33 - História de Portugal em geral e particular
- 34 - História Genealógica
- 35 - História da Espanha em geral e particular
- 36 - História da Inglaterra e de outros Reinos
- 37 - História da França em geral e particular
- 38 - História Germânica, Romana, Numismática e Lapidária
- 39 - Antiguidades Romanas e História de Itália
- 40 - História Grega e Antiguidades da Itália
- 41 - História Universal e Cronológica
- 42 - História Monástica e Religiosa
- 43 - História Religiosa
- 44 - História Santa ou Vidas de Santos
- 45 - História Eclesiástica de diversos reinos
- 46 - História Eclesiástica Universal

- 47 - Teologia Litúrgica em geral e particular
- 48 - Teologia Dogmática
- 49 - Teologia Polémica
- 50 - Escritores Eclesiásticos
- 51 - Santos Padres da Igreja Romana
- 52 - Monumentos e Escritores da Igreja Grega e Latina
- 53 - Santos Padres e Escritores da Igreja Grega
- 54 - Prolegómenos da Escritura Santa, Física e Poligrafia Sagrada



## ESTANTES SUPERIORES

A galeria ou Ordem superior da BPNM possui LXXXII estantes, com I a XVIII prateleiras cada, perfazendo um total de 1140 casas. As seis ordens das LXXXII estantes contam-se de cima para baixo e da esquerda para a direita.

A varanda, situada a 3,30 m do solo, tem parapeito de balaustres, assente em mísulas de talha, avançando sobre o salão cerca de 1,15 m.

As pilastras que dividem as estantes superiores são encimadas por fogaréis, não tendo sido nunca concretizado o projecto dos Cónegos Regrantes de fazer pintar sobre os títulos bibliográficos os bustos dos autores mais ilustres dos ramos do saber representados em cada estante.

- 1 - Bíblias, Filologia Sagrada e História da Vida de Jesus Cristo
- 2 - Expositores do Antigo e Novo Testamento
- 3 - Expositores do Antigo e Novo Testamento. Instruções sobre as Epístolas e Evangelhos do Ano
- 4 - Expositores do Novo Testamento, Homílias e Meditações sobre as Epístolas e Evangelhos de todo o Ano
- 5 - Homílias sobre os Evangelhos das Domínicas e Festas do Ano
- 6 - Teologia Parenética. Homílias e Sermões Latinos e Italianos
- 7 - Homílias e Sermões Franceses
- 8 - Sermões Espanhóis
- 9 - Idem
- 10 - Sermões Portugueses
- 11 - Idem
- 12 - Teologia Catequética
- 13 - Teologia Mística em geral
- 14 - Meditações Místicas e Tratados diversos
- 15 - Vária Miscelânea Mística, Novenários, etc.
- 16 - Direito Canónico em geral e particular
- 17 - Direito Canónico Regular e Estatutos das Ordens Religiosas
- 18 - Gramática Hebraica, Grega e Latina
- 19 - Gramáticas e Dicionários das Línguas da Europa
- 20 - Retórica e Eloquência
- 21 - Eloquência Oratória e Poética
- 22 - Poetas Gregos e Latinos
- 23 - Poetas Italianos, Franceses, Ingleses e Alemães
- 24 - Poetas Espanhóis e Portugueses
- 25 - Poesia
- 26 - História Bibliográfica
- 27 - História Literária em geral e particular
- 28 - História, Actas e Memórias Académicas
- 29 - Poligrafia, Cartas e Miscelânea Erudita
- 30 - Medicina em geral e particular
- 31 - Idem
- 32 - Cirurgia, Anatomia, Química, Farmácia e Botânica
- 33 - História Filosófica e Filosofia Antiga e Moderna
- 34 - Filosofia Moderna em geral
- 35 - Lógica, Metafísica e Ética
- 36 - Economia Política e Diplomática
- 37 - Física e História Natural em geral
- 38 - História Natural em particular, Agricultura, Botânica

- 39 - Matemática em geral e particular
- 40 - Astronomia e outros Tratados de Matemática
- 41 - Artes Liberais e Mecânicas
- 42 - Jurisprudência Civil em geral
- 43 - Diversos Tratados de Direito Civil
- 44 - Miscelânea
- 45 - Direito Civil Germânico, Francês e Espanhol
- 46 - Vários Tratados de Direito Civil
- 47 - Legislação Portuguesa
- 48 - Direito Civil Lusitano
- 49 - Vária Miscelânea Proibida
- 50 - Idem
- 51 - Idem
- 52 - Geografia e Viagens
- 53 - Idem
- 54 - História e Literatura Portuguesa
- 55 - História Portuguesa em geral e particular
- 56 - História da Espanha em geral e particular
- 57 - História da Inglaterra, Rússia e outros Reinos do Norte
- 58 - História da França em geral e particular
- 59 - História Germânica, Romana e dos Ducados de Itália
- 60 - Antiguidades Romanas. História Grega e Peregrina
- 61 - História Universal e Jornais, Gazetas e Mercúrios
- 62 - História do Mundo e de todos os Tempos
- 63 - História Universal e Princípios Cronológicos para o seu estudo
- 64 - História das Pessoas Ilustres e das religiões militares
- 65 - História das Religiões Monacais e Mendicantes
- 66 - História Santa ou Vidas de Santos
- 67 - História Eclesiástica Francesa, Espanhola e Portuguesa
- 68 - História dos Hereges, Concílios e Disciplina da Igreja
- 69 - História Eclesiástica em geral e particular dos Pontífices, Cardeais, Arcebispos e Bispos
- 70 - História Eclesiástica em geral e do Povo de Deus em particular
- 71 - Liturgia em geral e particular
- 72 - Vários Tratados dos Sacramentos. Exame de Bispos
- 73 - Teologia Moral em geral e particular
- 74 - Sumas, Compêndios e Resoluções de Moral
- 75 - Teologia Moral
- 76 - Teologia Polêmica
- 77 - Teologia
- 78 - Teologia Dogmática em geral. Tratados de Deus Uno, Trino, da Encarnação e da Graça
- 79 - Teologia Dogmática em geral
- 80 - Idem
- 81 - Teologia Dogmática em geral e particular
- 82 - Santos Padres e Escritores Eclesiásticos e Intérpretes da Sagrada Escritura

### ***Regras de catalogação adoptadas por Frei João de Santa Ana***<sup>8</sup>

- 1) Como muitos autores são mais conhecidos pelos sobrenomes do que pelos nomes próprios, para achar-se qualquer obra deles, deve procurar-se o sobrenome dos ditos autores [...]
- 2) Quando os autores tiverem dois ou mais sobrenomes, buscar-se-ão as suas obras onde se fizer menção do primeiro sobrenome, e quando nos seus competentes lugares se escreverem os outros, aí se dirá só: veja-se o sobrenome tal, que aí se acharão as suas obras. Mas quando eles forem mais conhecidos por um sobrenome que pelos outros, naquele se escreverão as suas obras, e em competentes lugares dos outros remeterei o leitor para aquele onde eles se acham escritos, e até para lhe evitar o trabalho direi em que letra e em que página os há-de achar, se for autor já mencionado.
- 3) Quando o autor tiver por sobrenome algum santo ou mistério buscar-se-á o nome do autor no idioma, em que ele tiver escrito as suas obras. Advirta-se porém que quando as obras forem latinas, sempre os nomes ou sobrenomes dos autores se escrevem em genitivo. E como pode haver muitos autores do mesmo sobrenome, para se evitar toda a confusão direi a religião, província ou congregação a que eles pertencem. E como também algumas vezes acontece que o mesmo autor tenha obras latinas, portuguesas e francesas, achar-se-ão todas em uma só parte, isto é, ou debaixo do nome latino, ou do nome francês ou do nome português, e por este motivo se o nome do autor for v. g. João, todas as suas obras se hão-de achar ou em Joannes, ou João, ou Juan, ou Jean.
- 4) Quando o autor não tiver sobrenome e em lugar deste usar de algum título, dignidade ou ofício, buscar-se-á também o nome v. g. Pauli Diaconi.
- 5) Quando a obra não tiver o nome do autor, buscar-se-á o título da obra. E como são muitas conhecidas mais pelos seus títulos do que pelos nomes dos

---

<sup>8</sup> Professo na Província da Arrábida. Em 1809 foi nomeado Bibliotecário da Real Livraria de Mafra. A ele se ficou a dever a colocação nas estantes dos pergaminhos assinalando os temas nelas contidos, a organização sistemática ainda vigente, bem como o catálogo onomástico (concluído em 1821), constituído por 8 volumes manuscritos (315 x 210 mm). Nessa tarefa foi secundado por frei Manuel da Sacra Família e frei Manuel de Santa Escolástica. Em 1828 frei João de Santa Ana compõe o *Real Edifício Mafrense visto por fora e por dentro*. Agosto 1940 - É reincorporado na biblioteca o *Real Edifício Mafrense visto por fora e por dentro* (1828), obra manuscrita de Frei João de Santa Ana. No dia 6 de Julho do mesmo ano, na qualidade de pregador de Dom Miguel, pregou na Basílica de Mafra o *Sermão de Acção de Graças pelo feliz regresso a este reino e exaltação ao Throno de Sua Magestade El-Rei D. Miguel* (Lisboa, 1828 [BN: R 8193 (1<sup>o</sup>) V]).

autores, achar-se-ão ordinariamente nos nomes dos autores, mas também nos títulos em referência para aqueles.

6) Quando for colecção de várias obras feita por alguns escritores, buscar-se-á pelo nome do colector. Quando for uma tradução, achar-se-á no nome do autor, e no lugar competente se fará menção do tradutor.

7) Os autores que tomarem nome fingido irão mencionados com o dito nome; e sabendo-se o seu nome verdadeiro, se fará neste uma referência para aquele.

8) O que se achar escrito entre parênteses, a não ser o nome do autor, não pertence ao título da obra, mas só se escreve para explicar alguma coisa parecida.

9) Juntamente com as obras se declara o nome da terra, e oficina onde foram impressas e também o ano da edição, e quando se achar escrita esta palavra *Ibi* - quer dizer que foi impresso na mesma cidade, e *Ibidem* no mesmo l. e tip. ultimamente designados.

10) No fim de cada obra se acharão três números - o 1.º com letra romana, o qual mostra o número da estante e esta é debaixo da varanda se o dito número tiver um só risco por cima, v. g. XII, e as que estão por cima VIII (dois riscos), o 2.º número indica a estante, e o 3.º o lugar do livro na estante a contar da esquerda para a direita.

11) Um risco à margem direita das obras ligando-as quer dizer que todas estão na mesma estante e lugar.

12) *Ibi* - quer dizer que está na mesma obra antecedente e *Ibidem* na mesma obra, tomo e vol.

13) Sempre se indica o número de vol. e tomos. Não havendo referência especial quer dizer que a obra só tem 1 vol. ou tomo.

14) Quando se fizer referência duma obra para o tomo 3.º, 4.º etc. doutra obra, quer dizer que esta é uma colecção. [...],

15) Quando se disser "Está no tomo - *Concilium Tridentinum Lovanii*, 1567 - deve buscar-se *Concilium Tridentinum* impresso em Lovaina em 1567. [...].

16) Nas estantes superiores n. 49-50 e 51 estão livros proibidos, e como alguns pelo seu tamanho não cabem nas casas estão nelas deitados, e por isso quando deles se fizer menção só se porá o número da estante e o da casa e no lugar do 3.º número se porá este sinal +.

17) Quando se encontrarem estas palavras *anda volante*, com os livros de encher se designa que aquela obra não tem lugar certo, por haver vários ex., e serve para preencher os espaços das que faltam.

18) Deixo espaços em claro para fazer no futuro menção das obras que se comprarem, e bem assim cada letra tem o seu suplemento.

19) Nos artigos *Noticia - Novena - Relação* - não se acharão as obras por ordem alfabética exacta, por serem opúsculos de pouca ponderação e que se acham juntos na Biblioteca Volante, e escrevi, para evitar trabalho, pela ordem em que se encontram a dentro dos vários tomos.

*Bibliografia (mais relevante, a partir de 1900) e Catálogos da BPNM*

ABECASSIS, Isabel, *Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra: Guia* (fotocopiado), Lisboa, 1991; idem, *A Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra*, in *Cadernos BAD*, n. 2 (1993), p. 93-100; idem, *A Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra: condições de conservação*, in *Bol. Cultural* '94, Mafra, 1995, p. 87-94; idem, *A Imagem Científica no Livro do século XVIII: alguns exemplos presentes na Livraria do Convento de Mafra*, in *Boletim Cultural* '95, Mafra 1996, p. 53-70; ANÓNIMO, *Regras de Catalogação dum bibliothecario dos princípios do século XIX*, in *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, V. 2, n. 6 (Abr.-Jun. 1921); idem, *Biblioteca de Mafra*, in *O Regionalista* (23 Abr. 1938); ASSUNÇÃO, Guilherme Ferreira de, *Os clássicos latinos da Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra*, in *Ocidente*, v. 15, n. 27 (Dez. 1941), p. 417-421; idem, *Uma bula do Papa Bento XIV para a Biblioteca de Mafra*, in *Ocidente*, 23 (1944), p. 164-173; idem, *Os incunábulos da Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra*, in *Boletim da Junta de Província da Estremadura*, S. 2, n. 16 (Set.-Dez. 1947), p. 393-407; idem, *A Biblioteca Volante de Frei Matias da Conceição*, in *Boletim da Junta de Província da Estremadura*, s. 2, n. 21 (Mai.-Ago. 1949), p. 237-242; idem, *Um grande bibliotecário dos começos do século XIX*, in *A Sombra do Convento*, Lisboa, 1958, p. 77-84; idem, *Obras de tipografia austriaca, holandesa e portuguesa na Biblioteca de Mafra, século XVI*, in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, n. 5 (1964), p. 635-639; idem, *Obras de tipografia francesa na Biblioteca de Mafra, séculos XV e XVI*, in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, n. 5 (1964), p. 453-481; idem, *Obras de tipografia belga na Biblioteca de Mafra, século XVI*, in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, n. 5 (1964), p. 260-270; idem, *Obras de tipografia espanhola na Biblioteca de Mafra, século XVI*, in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, n. 6 (1965), p. 135-148; idem, *Obras de tipografia alemã na Biblioteca de Mafra, séc. XV e XVI*, in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, n. 7 (1966), p. 71-89; idem, *O Brasil nas obras da Biblioteca de Mafra*, in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, n. 7 (1966) p. 310-362 e 474-511; idem, *Os folhetos da Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra*, in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, n. 8, n. 2 (Abr.-Jun. 1967), p. 136-181; n. 3 (Jul.-Set. 1967), p. 319-334; n. 4 (Out.-Dez. 1967), p. 615-626; v. 9, n. 1 (Jan.-Mar. 1968), p. 56-75; n. 3 (Jul.-Set. 1968), p. 473-486; n. 4 (Out.-Dez. 1968), p. 589-615; v. 11, n. 2 (Abr.-Jun. 1970), p. 263-325; n. 4 (Out.-Dez. 1970), p. 625-637; v. 13, n. 3 (Jul.-Set. 1972), p. 499-534); AZEVEDO, Carlos de, *Some Portuguese Libraries*, in *The Connoisseur Year Book*, Londres, 1956; AZEVEDO, João M. B. de, *Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra: Catálogo dos Fundos Musicais*, Lisboa, 1985; BARATA, Paulo J. S., *Os livros e a Revolução Liberal: o Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos e a gestão do património bibliográfico dos conventos como reflexo de uma política cultural do Liberalismo* (tese de Mestrado Interdisciplinar em Estudos Portugueses, na Universidade Aberta), Lisboa, 2001; idem, *A Sobrevivência da Biblioteca de Mafra após a extinção das Ordens Religiosas: biblioteca conventual, embora de instituição régia, ou biblioteca real?*, in *Boletim Cultural* 2001, Mafra, 2002, p. 9-29; BONNANT, Georges, *La Librairie Genevoise au Portugal du XVIIe au XVIIIe siècle*, in *Genava*, nova série, t. 3 (1955), p. 183-200; idem, *La Librairie Genevoise dans la Peninsule Ibérique au XVIIIe siècle*, in *Genava*, t. 9 (1961), p. 103-124; CALAZANS, José Carlos, *A "Casa da Livraria" do Palácio Convento de Mafra*, in *Boletim Cultural* '92, Mafra, 1993, p. 9-26; idem, *O Núcleo da Ásia do Palácio-Convento de Mafra*, in *Para além da Taprobana: de Lisboa a Nagasaki*, Mafra, 1993, p. 9-18; idem, *Erros e incorrecções em Registos Bibliográficos da Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra*, in *Bol. Cultural* '93, Mafra,

1994, p. 363-366; idem, *Dos Livros desaparecidos da Real Biblioteca do Palácio-Convento de Mafra*, in *Bol. Cultural '94*, Mafra, 1995, p. 393-399; DUARTE, Eduardo, *Bibliografia de História de Arte dos séculos XVII e XVIII, in Claro-Escuro*, n. 6-7 (Mai.-Nov. 1991), p. 163-203; FERNANDES, A. Ferrand de Almeida, *A Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra*, in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, a. 1-2 (1955), p. 225-229 e in *Revista ICALP*, n. 16-17 (Jun.-Set. 1989), p. 64-78; FERREIRA, Carlos Alberto, *As livrarias reais portuguesas de D. João IV a D. João VI*, in *Congresso do Mundo Português*, v. 8, t. 2, Lisboa, 1940; FREIRE (Mário), João Paulo, *Mafra: história, bibliographia e notas*, Lisboa, [s.d.]; idem, *Achegas para um 2º volume da bibliografia mafrense*, in *Tôrre do Tombo... crónicas dispersas*, [Lisboa], [1937], p. 97-193; FREITAS, Maria Brak-Lamy Barjona de, *A Arte do livro no Convento de Mafra*, in *A Voz* (5 Jul. 1952); GANDRA, Manuel J., *A Filosofia Hermética em Portugal e no acervo da Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra*, in *Boletim Cultural '93*, Mafra 1994, p. 11-74; idem, *Icones Symbolicae: contributo para o conhecimento da recepção e difusão da cultura simbólica em Portugal e sua presença na Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra*, in *Boletim Cultural '95*, Mafra, 1996, p. 9-52; idem, *O aperto de mão e a tourada têm uma origem comum*, in *Tauromaquia e Tauródromos no Concelho de Mafra*, Mafra, 1996 [inclui referência aos folhetos da *Biblioteca Volante* que descrevem combates, festividades e outros eventos ocorridos com touros em Lisboa (Terreiro do Paço, Rossio, Campo Pequeno, etc.)]; idem, *A Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra: cosmologia e mnemotecnia*, in *Bol. Cultural '96*, Mafra, 1997, p. 9-70; idem, *Cosmologia e Mnemotecnia na Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra*, in *Da Face oculta do Rosto da Europa*, Lisboa, 1997, p. 147-166; idem, *Um folheto de cordel catalão (Nueva, y verdadera relación del Assombroso, y peregrino monstruo de natureza, que se há descubierto en las Costas de Mafra, en el Reyno de Portugal, el próximo passado mês de Junio de 1760), seguido de um subsídio para o inventário da literatura teratológica existente na Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra*, in *Boletim Cultural '98*, Mafra, 1999, p. 301-314; idem, *Parenética dos autos de fé na Biblioteca Volante de Frei Matias da Conceição*, in *Boletim Cultural '98*, Mafra, 1999, p. 847-852; idem, *Subsídio para o Catálogo da Tratadística Alquímica antiga (até 1800), presente no acervo da Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra*, in *A Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra*, Mafra 2003, p. 143-178; idem, *Emblemas e Leitura da Imagem Simbólica no Palácio Nacional de Mafra: esboços para uma exposição virtual*, in *Boletim Cultural 2004*, Mafra 2005, p. 9-72; idem, *Arte da Memória e Hermética na Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra*, Mafra – Rio de Janeiro, 2016; IBOT, António, *Fuentes históricas españolas en la Biblioteca del Palacio Nacional de Mafra* (Portugal), Madrid, 1942; LEMOS, Ana / ARAÚJO, Rita / CASANOVA, Conceição, *O Cofre n. 24 - um Livro de Horas do Palácio Nacional de Mafra: caso de estudo e de intervenção*, in *Invenire*, especial 2015, p. 8293; LOPES, Carlos da Silva, *A Biblioteca de Mafra*, in *O Concelho de Mafra* (1 Jan. 1939); OLIVEIRA, Isabel Maria Figueiredo Iglésias de, *Testemunhos do Brasil na Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra (séculos XVI e XVII)*, Lisboa, 1997 [tese de mestrado em História e Cultura do Brasil]; P., A., *O larápio das Bibliotecas*, in *Diário de Notícias* (12, 13, 17 e 25 Mar. 1904); idem, *Leituras Militares na Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra*, in *Infantaria*, a. 7, n. 83 (1940), p. 554-560; SÉRGIO, Rui, *A Genealogia relativa a Portugal no acervo da Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra*, in *Boletim Cultural 2001*, Mafra, 2002, p. 485-503; SOUSA, J. M. Cordeiro de, *O que levaram os caixões que foram para o Brasil*, in *Notícias do Passado*, Lisboa, 1928, p. 59-60; idem, *Notícia de algumas livrarias*, in *O Concelho de Mafra* (6 Dez. 1942).

